

# Eutanásia na Holanda

## A evolução da actual regulamentação jurídica, sua prática e um novo projecto de lei-quadro\*

Irene Sagel-Grande

*Professora Associada na Universidade de Groningen*

\* Tradução de MANUELA BAPTISTA LOPES. O artigo está actualizado à data de 18.12.2017.

---

---

**SUMÁRIO:** I. Prefácio; II. Introdução; III. Normas específicas, desenvolvidas com a experiência, quanto à prática da eutanásia e ajuda ao suicídio; IV. A Lei holandesa sobre a eutanásia, formalmente designada como “Lei de 2001 sobre o Término de Vida a Pedido e Ajuda ao Suicídio (procedimentos de avaliação)”; V. Situação presente; VI. Considerações finais.

---

---

### I. PREFÁCIO

A palavra “Eutanásia” tem a sua origem numa combinação do grego antigo *eu* (bom) e de *thanatos* (morte). Algumas observações sobre a eutanásia na antiguidade serão um ponto de partida, dado que essas antigas concepções também se revestem de interesse para o debate actual.

Nos tempos antigos, a “boa” morte na Grécia tinha sobretudo o significado de morrer nobre e virilmente, o sentido próprio de morrer no campo de batalha<sup>[1]</sup> e não ou, de qualquer forma, muito menos, o significado de escapar à dor e ao sofrimento insuportáveis.

[1] A. VAN HOOFF, *Euthanasie en zelfdoding in de klassieke oudheid*, entrevista na internet em 2010.

A eutanásia era aceite como uma possibilidade de enveredar pelo “caminho da honra” e de salvar a própria face, por outras palavras, era vista como sinal de bravura e heroísmo. Era também a coroação da vida de alguém em concreto e, por isso mesmo, não significava o mesmo para todos. Imperadores, heróis e filósofos escolhiam os seus próprios modelos de *euthanatein*, que significa morrer com honra<sup>[2]</sup>.

Alguns exemplos: para o estóico Chrysios de Solis (281-208 A.C.), boa morte tinha o significado de morrer em estado de perfeição moral. Sobre Meander<sup>[3]</sup> disse-se que usava a palavra *euthanatos* referindo-se a uma morte sem um período longo de doença, portanto, a uma morte relativamente rápida. Para Sócrates (469-399 A.C.), a eutanásia integrava-se numa correcta preparação para a morte após uma vida responsável<sup>[4]</sup>. Para Séneca, a pessoa deveria morrer quando surgissem sinais de perda de dignidade. Ao optar pela eutanásia, cada um honrava-se a si mesmo<sup>[5]</sup>.

No período romano, *euthanatein* era primariamente uma maneira de falecer suavemente e sem sofrimento. Em latim, *euthanasia* era chamada *mors voluntaria*, portanto sublinhava-se a vontade do agente. Acerca do Imperador Augusto, disse-se, por exemplo, que sempre que lhe diziam que alguém tinha morrido sem sofrimento, ele desejava uma morte semelhante para si próprio e para a sua família<sup>[6]</sup>.

Os gregos antigos tinham respostas diversas relativamente à questão de saber se haveria ou não o direito de cometer eutanásia.

Em conformidade com o famoso juramento de Hipócrates (460-370 A.C.), o médico grego que fez da medicina uma profissão

[2] A. VAN HOOFF, *Euthanasie in de oudheid*, Historisch Nieuwsblad 1/2003.

[3] Amigo de juventude de Epicuro. (NT).

[4] [de.wikipedia.org/wiki-geschichte\\_der\\_Euthanasie:\\_Meander&Sokrates&Augustus](http://de.wikipedia.org/wiki-geschichte_der_Euthanasie:_Meander&Sokrates&Augustus).

[5] A. VAN HOOFF, ob. cit. (1).

[6] Suetonius, *The Life of Augustus*.

e que é considerado o Pai da Medicina moderna, ninguém poderia/deveria administrar nenhum medicamento causador de morte a uma pessoa, mesmo que essa pessoa o solicitasse. Platão (427-347 A.C.) afirmou mesmo que os seres humanos são soldados de Deus que têm de cumprir o seu dever, mas também defendia que pessoas doentes, sem energia vital, não deveriam continuar a ser tratadas. Aristóteles (384-322 A.C.), contudo, sustentou que é eticamente bem fundado praticar eutanásia no interesse do Estado. Por exemplo, não deveria investir-se no crescimento e educação de inválidos.

Em tempos passados, os médicos tinham apenas de tratar os seus doentes sem colocar questões e a actuação do médico limitava-se a cumprir a vontade do doente. Como aqueles eram muitas vezes escravos, raramente ocorriam problemas com esta visão das coisas. A situação é hoje completamente diferente e um médico não pode ser obrigado a seguir uma vontade que contraria a sua.

Segundo o académico e historiador A. van Hooff<sup>[7]</sup>, a antiguidade clássica pode ensinar-nos a vencer o nosso medo e a angústia da morte e, ao mesmo tempo, o modelo antigo da boa morte proporciona-nos o conceito do direito fundamental à auto-determinação que nos falta nos nossos dias.

## II. INTRODUÇÃO

Antes de nos centramos na regulamentação legal holandesa sobre a eutanásia, temos de dizer alguma coisa sobre 1) terminologia; 2) normas especiais do Direito Penal holandês que propiciam a possibilidade de gerir problemas ao nível legal que ocorrem na sociedade sem necessidade, pelo menos parcialmente, de novas disposições legais; e 3) sobre os desenvolvimentos na prática que levaram finalmente à regulamentação legal actualmente em vigor (Setembro de 2017).

[7] A. VAN HOOFF, ob. cit. (1).